

SpecIP OU SpecCP: UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA SOBRE A POSIÇÃO DOS SUJEITOS REFERENCIAIS PRÉ-VERBAIS NAS VARIEDADES PRO-DROP DO ESPANHOL ATUAL

SpecIP OR SpecCP: A CARTOGRAPHIC PERSPECTIVE ABOUT THE REFERENTIAL PREVERBAL SUBJECTS IN THE PRO-DROP VARIETIES OF CURRENT SPANISH

CARLOS FELIPE PINTO
Universidade Federal da Bahia
cfpinto@ufba.br

Neste trabalho, discuto a posição dos sujeitos referenciais pré-verbais nas variedades pro-drop do espanhol atual. Desde os anos 1980, um aspecto muito discutido na Teoria de Princípios e Parâmetros, foi a variação interlinguística da presença e ausência dos sujeitos pronominais pré-verbais, o que implica, pelo menos, em dois grupos diferentes de línguas: as que exigem que a posição do sujeito pré-verbal esteja sempre realizada e as que permitem a omissão do sujeito pré-verbal. Desde os anos 1990, uma série de trabalhos indicaram que os sujeitos referenciais pré-verbais nas línguas que permitem o sujeito nulo estão deslocados à esquerda (no campo CP). Seguindo uma perspectiva cartográfica, proponho que, mesmo nas línguas de sujeito nulo, como a maioria das variedades do espanhol atual (ou seja, as variedades não caribenhas), embora o sujeito pronominal referencial deva estar oculto, os sujeitos referenciais pré-verbais podem ocupar diferentes posições na oração.

Palavras-chave: espanhol não caribenho, posição do sujeito, sujeito nulo; cartografia das estruturas sintáticas

This text discusses the position of the preverbal referential subjects in the pro-drop varieties of current Spanish. In the 1980s, the Theory of Principles and Parameters covered a very controversial aspect in cross-linguistic variation concerning the presence or absence of preverbal pronominal subjects. It implies, at least, two different groups of languages: those that require the preverbal subject position to be pronounced and those that allow the omission of the preverbal subject. Additionally, since the 1990s, several works have indicated the preverbal referential subjects in null subject languages to be raised to the left periphery (in the CP field). Following a cartographic perspective, I propose that, even in the null subject languages, like most of the varieties of current Spanish (i.e., the non-Caribbean varieties), although the referential pronominal subject must be null, on the other hand, the preverbal referential subject may occupy various positions in the clause.

Keywords: Non Caribbean Spanish, subject positions, null subject, cartography of syntactic structures

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 14 octubre 2020

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), os estudos no quadro teórico da gramática gerativa se dedicaram com mais afinco ao estudo comparativo das línguas a fim de identificar as propriedades universais da linguagem humana assim como o que é particular (e portanto variável) de cada língua. Começa-se, assim, uma série de estudos na busca de propriedades linguísticas que estivessem relacionadas.

O parâmetro do sujeito nulo, nesse âmbito, foi um dos mais estudados entre as línguas. As línguas humanas podem exibir sentenças com o sujeito pronominal realizado ou com o sujeito pronominal oculto¹. Observem-se os exemplos em (1) e (2) a seguir do espanhol e do inglês respectivamente:

1. a. Juan dijo que Pedro come manzanas.
b. Juan dijo que él come manzanas.
c. Juan dijo que ___ come manzanas.
2. a. John said that Peter eats apples.
b. John said that he eats apples.
c. *John said that __ eats apples.
“João disse que Pedro/ele/ ___ come maçãs.”²

Embora os pronomes na função de sujeito em (1b) e (2b) tenham diferentes valores discursivos³, os exemplos em (1c) e (2c) contrastam estruturalmente: em línguas como o espanhol, o sujeito pronominal pode (e deve!) estar oculto. Em línguas como o inglês, o sujeito pronominal é obrigatório na sentença.

Considerando o contraste entre verbos meteorológicos e impessoais dos dois tipos de língua, como ilustrado em (3) e (4) abaixo, é proposto que todas as sentenças têm sujeito sintático, já que um elemento pronominal sem valor semântico aparece na posição de sujeito mesmo com esses verbos que não selecionam argumento externo, o que ficou conhecido como

3. a. it rains.
b. *rains.
“chove”

¹ Os estudos sobre o português brasileiro, especialmente depois de Duarte (1995), mostraram que o parâmetro do sujeito nulo não pode ser dividido em [\pm sujeito nulo]. Roberts (2019) retoma a questão enfatizando que há línguas de sujeito nulo consistente (italiano, espanhol não caribenho), línguas de sujeito nulo parcial (português brasileiro, finlandês) e línguas de sujeito obrigatório (inglês, francês). Deixarei a questão de lado por fugir aos objetivos do trabalho.

² Somente serão traduzidos os exemplos em outras línguas que não o português ou o espanhol.

³ Luján (1999) discute a omissão e a realização do sujeito pronominal no espanhol e, em diversos momentos, faz comparações com as línguas de sujeito obrigatório indicando a contraparte das funções desempenhadas pelos pronomes nas línguas de sujeito nulo.

4. a. *él llueve.
b. llueve.

Uma série de propriedades foi identificada nas línguas de sujeito nulo que não são encontradas em línguas cujo sujeito deve estar sempre realizado (Chomsky 1981: 240): a) sujeito (referencial e expletivo) nulo; b) inversão livre do sujeito com o verbo; c) movimento longo de sujeito-wh; d) ausência de sujeitos resumptivos em orações subordinadas; e) ausência efeito *that-trace*. As línguas de sujeito nulo exibem as propriedades (a)-(e) enquanto que as línguas de sujeito obrigatório não as exibem.

A primeira propriedade foi ilustrada nos exemplos (1-4) acima. A segunda propriedade, a inversão livre, acontece naqueles contextos nos quais não há um elemento que esteja desencadeando a inversão:

5. a. Ha comido Juan la manzana.
b. *Ate John the apple.
“Comeu João a maçã”

A terceira propriedade, o movimento longo de sujeitos-wh, se refere ao fato de o sujeito de uma oração interrogativa subordinada poder ser realizado na oração matriz:

6. a. ¿Quién te ha dicho Pedro que ___ ha comprado el coche?
b. *Who did Peter say ___ bought the car?
“Quem Pedro disse ___ comprou o carro?”

A última propriedade, ausência do efeito *that-trace*, está relacionada com a possibilidade de realização fonológica do complementizador (conjunção) em contextos como aqueles em que o elemento interrogado na oração matriz está relacionado com a oração subordinada:

7. a. ¿Qué_i te ha dicho Pedro que ha comprado María t_i?
b. *What_i did Peter say you that Mary bought t_i?
“O que_i Pedro disse pra você que Maria comprou t_i?”
c. What_i did Peter say you ___ Mary bought t_i?
“O que_i Pedro disse pra você ___ Maria comprou t_i?”

No espanhol, a presença da conjunção integrante não fere a gramaticalidade da sentença, como acontece, por outro lado em inglês.

Nesse sentido, na década de 1990, uma série de trabalhos foi feita no intento de relacionar a posição que o sujeito pré-verbal ocupa na oração com a tipologia das línguas, se de sujeito nulo ou sujeito realizado. Diversos trabalhos começaram a indicar, por exemplo Barbosa (2006), que as línguas de sujeito nulo não projetam uma posição no campo IP para o sujeito. Essa análise foi seguida por vários autores para o espanhol não caribenho. No entanto, Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) propõem, para o português europeu, que o sujeito referencial pré-verbal pode ter também uma posição exclusiva para si dentro da oração.

Neste texto, tenho o objetivo de estabelecer uma comparação entre a proposta de Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) sobre o português europeu para o espanhol não caribenho, variedades de sujeito nulo muito similares ao português europeu, indicando, contrariamente a Olarrea (1997), Ordóñez e Treviño (1999), que o sujeito referencial pré-verbal pode ter uma posição dentro do campo IP também no espanhol.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção 2, apresento uma breve introdução sobre as funções informativas e possibilidades de sujeitos pré-verbais no espanhol atual; na seção 3, apresento os argumentos mais relevantes da proposta de que os sujeitos referenciais pré-verbais estão deslocados à esquerda no espanhol atual; na seção 4, apresento os principais argumentos, trazidos da análise do português europeu, para justificar que os sujeitos referenciais pré-verbais também podem estar localizados dentro do IP; na seção 5, apresento uma análise formal para os sujeitos referencial pré-verbais no espanhol atual; por fim, na seção 6, delinco uma proposta de posicionamento dos sujeitos referenciais pré-verbais com base na cartografia das estruturas sintáticas;

Este trabalho não tem a pretensão de oferecer uma análise conclusiva da matéria, mas pelo contrário, tem a finalidade de levantar o debate, oferecendo algumas hipóteses a partir de um modelo alternativo.

2. SUJEITOS PRÉ-VERBAIS

Os sujeitos pré-verbais no espanhol podem ter três estatutos informativos: ser neutros (toda a oração ou outro constituinte é a informação nova), estar focalizados contrastivamente (o sujeito é contrastado com outro elemento no discurso prévio) ou topicalizados (ser a informação conhecida sobre a qual se fala):

8. A: ¿Qué pasó?
B: Pedro tuvo un accidente.
9. A: Mi mamá dijo que Juan tuvo un accidente.
B: No, chica... *Pedro* tuvo un accidente.
10. A: ¿Qué pasó con Pedro?
B: Pedro tuvo un accidente.

O foco informativo está associado à posição mais encaixada na estrutura e, por isso, a posição pré-verbal não pode ser usada para esta função informativa:

11. A: ¿Quién comió la manzana?
B: #Juan se la comió.
B': Se la comió Juan.⁴

Em (11), a resposta B com sujeito pré-verbal é inadequada. Somente a resposta B', com sujeito pós-verbal, pode ser usada neste contexto.

⁴ A única possibilidade de sujeito pré-verbal focalizado em espanhol é quando o sujeito representa um foco contrastivo. Por isso, neste contexto a ordem SVO é inadequada.

Zubizarreta (1998, 1999) discute as funções informativas tema e foco e mostra que o foco informativo deve receber o *acento nuclear neutro* da oração. No caso do espanhol, há uma regra prosódica que coloca o acento neutro no constituinte mais encaixado na estrutura, fazendo que o sujeito deva ser invertido na ordem V-S em casos de ser o foco informativo. Por outro lado, o *acento nuclear contrastivo* não está associado a nenhuma posição específica, mas pode ser colocado em qualquer posição na oração como ilustrado em (9) acima.

Mais debates, porém, são feitos sobre os sujeitos pré-verbais neutros. Até os anos 1980, o sujeito pré-verbal era analisado como sendo inserido diretamente em SpecIP. Só com as propostas de Zagona (1982) e Koopman e Sportiche (1991) é que se começa a analisar os sujeitos como sendo gerados dentro do VP e, no caso dos sujeitos pré-verbais, sendo movidos em seguida, para SpecIP. Com o desenvolvimento do Programa Minimalista, a partir de Chomsky (1995), em que se reformula a Teoria de Princípios e Parâmetros numa versão mais elegante, econômica e conceitualmente motivada, passou-se a entender que, nas línguas de sujeito nulo, SpecIP não é projetado sendo o EPP checado pela flexão, levando diversos pesquisadores a proporem que, uma vez que SpecIP não é projetado, o sujeito referencial pré-verbal estaria numa posição deslocada à esquerda.

Na próxima seção, apresentarei alguns argumentos para indicar que os sujeitos referenciais pré-verbais estão fora do IP e, na seção seguinte, apresentarei argumentos para indicar que os sujeitos referenciais pré-verbais também podem estar dentro do IP. A ideia geral é que, assim como os argumentos internos podem ter uma posição interna e outra deslocada, os sujeitos (argumentos externos) também podem ter duas posições na estrutura sintática.

3. SUJEITOS PRÉ-VERBAIS ESTÃO FORA DE IP

Uma série de estudos foi feita discutindo a posição do sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo. No caso do espanhol, são pioneiros os trabalhos de Olarrea (1997) e Ordóñez e Treviño (1999), que propõem que, ao contrário do que tradicionalmente vinha sendo assumido na teoria gerativa, os sujeitos pré-verbais estão localizados fora da sentença, acima de IP⁵.

Olarrea (1997) distingue três tipos de sujeitos pré-verbais: os sujeitos referenciais, os sujeitos não referenciais e os sujeitos negativos⁶. Seguindo Laka (1990) e Bosque (1992), Olarrea (1997) assume que a negação tem sua própria projeção em espanhol e os sujeitos negativos, como “nadie”, “ninguno”, estariam localizados em SpecNegP, seguindo o *Critério-Neg*, de Heageman e Zanuttini (1991)⁷. Os sujeitos não referenciais, como “alguien”, “todos”, se localizam numa projeção funcional, SpecFP, superior a IP via movimento de *focalização*. Os sujeitos referenciais, por fim, não estariam localizados em SpecIP, mas estariam localizados numa posição funcional também superior a IP, como acontece com os elementos em construções de Deslocamento à esquerda clítico (*Clitic Left Dislocation* = CLLD).

⁵ É interessante o argumento de que o sujeito está fora da oração para se referir aos sujeitos deslocados à esquerda. Partindo da perspectiva cartográfica, que assumirei aqui, não existe “fora da oração”.

⁶ A proposta de Ordóñez e Treviño (1999) difere da de Olarrea (1997) no sentido de que Ordóñez e Treviño (1999) dão o mesmo tratamento para todos os tipos de sujeito.

⁷ O *Critério-Neg* de Heageman e Zanuttini (1991) é idêntico ao *Critério-WH* de Rizzi (1991), no sentido de que deve haver uma relação de especificador-núcleo entre o operador negativo e o núcleo negativo.

Deter-me-ei, nesta seção, exclusivamente na análise dos sujeitos referenciais. Essa análise de que os sujeitos estão sempre deslocados à esquerda faz uma boa previsão, como apontado por Costa (2001), sobre as diferenças entre as línguas de sujeito nulo e as línguas de sujeito realizado: línguas de sujeito nulo não têm uma posição para o sujeito em IP⁸.

Seguindo trabalhos de outros autores como Hernanz e Brucart (1987) e Cinque (1990), Olarrea (1997) apresenta as características das construções de *deslocamento à esquerda* (*Left dislocation*: LD) e de *deslocamento à esquerda clítico* (CLLD). As principais diferenças entre elas, segundo Olarrea (1997) são: a) a LD só permite DP deslocados, a CLLD permite deslocamento de qualquer constituinte; b) a LD só é possível em orações matrizes; c) a LD permite o uso de um DP pleno dentro da sentença; a CLLD exige um clítico equivalente. Vejam-se os exemplos abaixo, os quais ilustram as diferenças entre a LD e a CLLD (dados de Olarrea 1997: 42-46):

- | | | |
|--------|--|--------|
| 12. a. | Juan, no me acuerdo de él. | (LD) |
| | a'. *De Juan, no me acuerdo de él. | |
| | b. A Juan lo vimos en la fiesta. | (CLLD) |
| | b'. De Juan no me acuerdo. | |
| 13. a. | *Todos dicen que John Coltrane, ese saxofonista es el mejor. | (LD) |
| | b. Todos piensan que de Juan no deberíamos hablar. | (CLLD) |
| 14. a. | El ordenador, yo odio esas máquinas infernales. | (LD) |
| | b. *El ordenador las odio. | (CLLD) |

A partir desses dados, Olarrea (1997) propõe que os sujeitos referenciais pré-verbais em espanhol nunca estejam na mesma posição que *pro*, ou seja, o sujeito nulo, e propõe também que se comportem como os elementos deslocados na CLLD. Os dados em (15) a (19) são evidências para Olarrea (1997) de que o sujeito está deslocado à esquerda.

Os dados em (15) mostram que nem o sujeito nem um objeto deslocado pode intervir entre o elemento interrogativo e o verbo. Para Olarrea (1997), esse fato mostra que o sujeito não está dentro da sentença⁹.

- | | | |
|--------|--|--|
| 15. a. | ¿Qué quiere? | |
| | b. *¿Qué Juan quiere? | |
| | c. *¿Dónde estos libros los compraste? | |
- (Olarrea 1997: 58-59)

A partir de Cinque (1990), Olarrea (1997) mostra que em espanhol os elementos deslocados na CLLD¹⁰ não estão limitados a um elemento só. Os dados em (16) mostram que, como a

⁸ Ver que a questão não é, como em Diesing (1990) e Santorini (1989; 1995), para o efeito V2 das línguas simétricas, ou em Zubizarreta (1998), que SpecIP é uma *posição A* e *A-Barra* ao mesmo tempo. A questão é: línguas de sujeito nulo NÃO projetam SpecIP.

⁹ Para Ordóñez e Treviño (1999), esse fato ainda mostra que o verbo não se move para CP nas orações interrogativas.

ordem dos elementos é variável, tanto sendo possível sujeito-objeto e objeto-sujeito, o sujeito também está deslocado à esquerda.

16. a. Creo que Juan a María le dio un regalo.
 - b. Creo que a María Juan le dio un regalo.
 - c. Creo que Juan un regalo se lo dio a Maria.
 - d. Creo que un regalo Juan se lo dio a Maria
- (Olarrea 1997: 62)

Os exemplos em (17) e (18) mostram que do mesmo modo que os objetos não referenciais não podem ser topicalizados como ilustrado em (17), os sujeitos referenciais não específicos/definidos, como em (18) não podem aparecer em posição pré-verbal. Isso é uma evidência de que os sujeitos referenciais específicos/definidos pré-verbais estão em posição de deslocamento.

17. a. A alguien (*lo) vi
 - b. Algo (*lo) haré
 - c. A nadie (*lo) vi
 - d. Nada (*lo) haré
- (Olarrea 1997: 64)
18. a. Llegaron alumnos.
 - b. *Alumnos llegaron.
- (Olarrea 1997: 64)

Em (19) a seguir, o fato de que o verbo em (19a) e o clítico em (19b) possa concordar com outras pessoas diferentes da pessoa gramatical do sujeito indica que o sujeito não está numa posição argumental.

19. a. Los estudiantes de Lingüística tenemos/tenéis/tienen que ser pacientes.
 - b. A los estudiantes no nos/os/los ha visto nadie.
- (Olarrea 1997: 67)

Os dados apresentados acima são evidência para Olarrea (1997) de que os sujeitos pré-verbais em espanhol não estão localizados dentro do IP, fazendo com que haja uma diferença estrutural entre línguas de sujeito obrigatório e línguas de sujeito nulo: as línguas de sujeito obrigatório projetam SpecIP e um expletivo realizado fonologicamente sempre ocupa esta posição quando um sujeito argumental não está lá; as línguas de sujeito nulo não projetam

¹⁰ Os dados em (15) contrastam com os dados de LD apresentados também por Olarrea (1997: 62), nos quais só é possível um único constituinte frontado:

- (i) a. *Creo que Juan a María dio un regalo.
- b. * Creo que a María Juan dio un regalo.
- c. *Creo que Juan un regalo dio a Maria.
- d. * Creo que un regalo Juan dio a Maria.

SpecIP e, conseqüentemente, sequer teriam em seu inventário funcional pronomes expletivos de qualquer tipo.

4. SUJEITOS PRÉ-VERBAIS PODEM ESTAR EM IP TAMBÉM

No sentido oposto do que foi exposto acima, Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) levantam uma série de evidências contrárias à análise de que os sujeitos referenciais pré-verbais em português europeu estejam sempre deslocados numa *posição A-Barra* e propõem que ambas as análises, de sujeitos deslocados e sujeitos internos ao IP, sejam necessárias para explicar os sujeitos pré-verbais em nessa variedade do português.

Considerando a grande semelhança de fatos com relação à ordem dos constituintes entre o espanhol e o português europeus¹¹, assumo, para o espanhol, a proposta de Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) de que o sujeito pré-verbal não está necessariamente deslocado. Para sintetizar a discussão, apresentarei algumas evidências a favor de uma análise flexível, ou seja, de que mesmo em línguas de sujeito nulo, o sujeito pré-verbal não está necessariamente deslocado (embora, como qualquer outro constituinte, possa estar deslocado) e pode ter uma posição para si dentro da oração.

A primeira evidência contra a análise que propõe que o sujeito referencial pré-verbal está sempre deslocado é tomada de Costa (2001). Quando se tem uma pergunta cuja resposta inteira é informação nova, como ilustrado em (19), a ordem emergente é SVO. Se o sujeito fosse categoricamente idêntico ao objeto deslocado, se esperaria que a ordem OSV fosse gramatical já que, nesta visão de que os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo estão sempre deslocados, a previsão que se faz é a de que a CLLD não estaria associada a fatores informativos.

20. a. ¿Qué pasó?
 b. Pedro se comió la manzana.
 b'. #La manzana, Pedro se la comió.

Considerar que a posição do sujeito referencial pré-verbal é sempre uma *posição A-Barra* sobre o IP faz a predição de que os sujeitos referenciais pré-verbais estão sempre relacionados a um tópico ou que a *posição A-Barra* das CLLD não tem nenhum valor informativo, o que é invalidado pelo exemplo (20b'), em que a ordem Top-S-cl-V é inadequada.

Em segundo lugar, a CLLD pode ser múltipla e não impõe restrições com relação à ordem dos elementos fronteados:

21. a. A Pedro, el libro, Maria se lo dio.
 b. El libro, a Pedro, Maria se lo dio.

Se o sujeito estivesse obrigatoriamente deslocado, as mesmas possibilidades de (21) com os objetos seriam disponíveis com o sujeito, fato que não se verifica, conforme mostra (22):

22. a. ¿Qué pasó con la manzana?

¹¹ Por exemplo, com relação aos sujeitos pós-verbais, o espanhol e o português exibem a ordem V-S-O e o catalão e o italiano não embora todas as quatro línguas sejam línguas de sujeito nulo.

- b. *Pedro, la manzana, se la comió.

É interessante observar que o mesmo resultado de (22) é observado se um objeto indireto é frontado:

23. a. ¿Qué pasó con la manzana?
 b. *A Pedro, la manzana, se la robaron.
 c. *La manzana, a Pedro, se la robaron.¹²

Uma terceira evidência é dada pelo sujeito da passiva. Costa (2001) mostra que alguns tipos de sujeito só podem se analisados como deslocados à esquerda, caso contrário seriam casos de super-alçamento:

24. a. El hombre parece que comió la manzana.
 b. *Un hombre parece que comió la manzana¹³.

Como o sujeito em (24) só pode estar deslocado, tendo em vista que é sujeito do verbo da oração subordinada e não da oração matriz, este sujeito apresenta restrição de definitude, dado o contraste entre (24a) e (24b), já que elementos indefinidos não podem ser topicalizados.

Os sujeitos das passivas, pelo contrário, não apresentam restrição de definitude como ilustram os exemplos em (25):

25. a. El libro fue leído por el estudiante.
 b. Un libro fue leído por el estudiante.

Se os sujeitos pré-verbais estivessem necessariamente deslocados à esquerda, o mesmo contraste entre os exemplos em (24) deveriam ser observados entre os exemplos em (25). O último argumento (acredito que um dos mais consistente, inclusive) vem da proposta de Campos (1992) sobre o licenciamento de lacunas parasíticas. Considerando as orações em (26), abaixo, o autor estabelece a condição de licenciamento de lacunas parasíticas, assim: “Uma lacuna parasítica é licenciada por um vestígio-WH em estrutura superficial” (Campos 1992: 117)¹⁴.

26. a. Wich report_i did you file t_i without reading e?¹⁵
 Que relatório você arquivou sem ler?
 b. *The report_i was filed t_i without reading e.

¹² Como observa Francisco Ordóñez em comunicação pessoal, o objeto indireto pode aparecer frontado respondendo a uma pergunta de foco largo como: a. ¿Qué pasó?

b. A Maria le ha tocado la lotería.

Efetivamente, ouvi um dado parecido com este em conversa espontânea nas ruas de Barcelona. De qualquer maneira, se o sujeito estivesse fora da oração, como na CLLD, (21b) deveria ser possível. O contraste entre (23) e (i) pode se dar por outras razões informativas.

¹³ Se esta oração for gramatical, a análise de sujeitos internos ao IP é corroborada ainda mais.

¹⁴ “A parasitic gap is licensed by an S-structure wh-trace” (Campos 1972: 117)

¹⁵ t indica o vestígio do movimento do constituinte. e indica que a posição está vazia.

- O relatório foi arquivado sem ler
- c. *They filed the report without reading e.
Eles arquivaram o relatório sem ler
- d. *They filed it without reading e.
Eles arquivaram-no sem ler
- (Campos 1992: 117)

Em adição aos dados do espanhol que apresenta, equivalentes aos dados do inglês em (26), Campos (1992) adiciona um contexto a mais no qual o espanhol licencia lacuna parasítica:

27. ¿Tú archivaste cuál libro sin leer?
(Campos 1992: 120)

e propõe que o licenciamento de lacunas parasíticas em espanhol, além da condição em (27) pode se dar por um elemento WH *in situ*¹⁶.

Campos (1992) faz uma análise dos dados e propõe que a categoria vazia da lacuna parasítica só é licenciada quando é interpretada como correferente do tópico do discurso:

28. a. ¿Qué hiciste con ese artículo? – Lo_i archivé OP_i antes de leer e.
b. *Ese artículo_i muestra que lo_i archivé pro_i antes de leer e.
c. Ese artículo_i muestra que lo_i archivé pro_i antes de leerlo_i.
(Campos 1992: 125)

Se o objeto é o tópico do discurso, como em (28a), a lacuna parasítica é licenciada. Se o objeto não é o tópico do discurso, como em (28b) e (28c), a lacuna parasítica não é licenciada. Por fim, Campos (1992) discute se a análise proposta para objetos topicalizados é válida com os sujeitos. A resposta é positiva a partir dos dados em (29):

29. a. ¿Qué pasó con el avión? – Explotó antes de hacer revisar.
b. *El avión explotó antes de hacer revisar.¹⁷
(Campos 1992: 125)

¹⁶ Kato (2008) propõe uma análise em que em *perguntas-WH in situ* do português brasileiro, como em “você comeu o quê?”, o pronomo interrogativo tenha se movido para a periferia do VP.

¹⁷ Consultei falantes nativos de várias procedências e parece haver variação no juízo de gramaticalidade de (28a) e (29a). Para uns falantes, ambas são agramaticais e, para outros, somente (28a) é gramatical. No caso de (29a), inclusive ofereci orações contextualmente mais fáceis como:

(i) A: ¿qué pasó con el pastel?
B: *fue vendido antes de cocinar.

Ou seja, em algumas variedades, a lacuna parasítica do objeto é gramatical; a lacuna parasítica do sujeito não é. A minha interpretação é que este fato reforça a proposta de que os sujeitos pré-verbais podem estar dentro do IP. Se as lacunas parasíticas são licenciadas por um vestígio-WH e o exemplo (28a), no qual há uma lacuna parasítica de objeto, é gramatical, o fato de construções como (29) não licenciarem uma lacuna parasítica correferente ao sujeito evidencia que o sujeito não está numa *posição A-Barra*. Em adição, talvez a possibilidade de lacunas parasíticas esteja relacionada com a possibilidade de objeto nulo: nas variedades que possuem objeto nulo, há licenciamento de lacuna parasítica; nas variedades que não há objeto nulo, a lacuna parasítica não é licenciada. Isso, no entanto, é apenas uma conjectura que precisa ser analisada empiricamente com dados dialetais.

A partir desses resultados, Campos (1992) propõe que o sujeito nulo pode ser realizado por duas categorias vazias diferentes: *pro* e variável. Quando o sujeito nulo é vinculado por uma *posição A*, é *pro*; quando é vinculado por uma *posição A-Barra*, é uma variável.

Esses dados mostram claramente que o sujeito não está necessariamente deslocado à esquerda em espanhol. Caso os sujeitos estivessem sempre deslocados à esquerda, ou seja, numa *posição A-Barra*, a previsão que se faz é que deveriam licenciar categoricamente lacunas parasíticas, previsão essa que é negada pelos dados em (29b) acima e (30) a seguir:

30. *Los restos del avión muestran que explotó sin hacer revisar.

(Campos 1992: 125)

A exposição acima mostra que, assim como no português europeu, os sujeitos referenciais pré-verbais no espanhol não estão necessariamente deslocados. Assim como Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) propõem para o português europeu, acredito que as duas análises são necessárias para explicar a distribuição dos sujeitos pré-verbais no espanhol.

5. ANÁLISE FORMAL DA ORDEM S-V

Os argumentos apresentados por Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) para o português europeu, paralelos aos apresentados acima para o espanhol, levam à proposta de que o sujeito pré-verbal em português europeu está localizado em SpecIP. No entanto, é um desafio para Costa e Duarte (2002) explicar por que, em alguns casos, o sujeito interno ao IP tem a mesma interpretação que elementos deslocados à esquerda. Para isso, recorrem a outros trabalhos para mostrar que a mesma relação de predicação estabelecida entre elementos deslocados e o IP é estabelecida entre SpecIP e o restante da estrutura como mostram as representações em (31):

31. a. [Topic_i/Op_i [_{IP}vbl_i]]

b. [_{IP} Subj_i ...[_T t_i]]

A interpretação de tópicos iniciais não sujeitos é determinada por uma regra de predicação a partir da relação de irmandade¹⁸. Em (31a), o tópico adjungido ao IP, ao ser movido para esta posição, deixa uma variável dentro do IP e, como é irmão do IP, é identificado como o sujeito da predicação. Do mesmo modo, o sujeito em SpecIP, ao se mover para esta posição, deixa um vestígio dentro do VP, e por ser irmão de I', pode ser identificado também como sujeito da predicação.

Assume-se que checagem de EPP é universal e que todos os núcleos funcionais carregam um traço EPP. Seguindo Alexiadou e Anagnostopoulou (1995, 1998), Costa e Duarte (2002) assumem que EPP pode ser checado através do movimento de um XP para SpecYP ou através do movimento de um núcleo X° para o núcleo Y°. Neste sentido, propõem que as duas opções estão disponíveis em português europeu, sendo que, em umas construções, a checagem é feita pelo movimento do núcleo e, em outras, a checagem é feita pelo movimento do XP para SpecYP.

¹⁸ Dois núdulos são irmãos se são dominados imediatamente pela mesma projeção.

Também se assumem duas suposições motivadas independentemente: a) assume-se um IP cindido, como proposto por Pollock (1989), em que AgrP domina TP, e a partir da ordem dos advérbios em português, francês, inglês e italiano, assume-se que o verbo, em português europeu, não se move para Agr^o na ordem SVO; b) assume-se um princípio de atração proposto por Pesetsky e Torrego (2000), que diz que, se um núcleo K atrai X, nenhum constituinte Y está mais perto de K que X.

A união desses três aspectos vai explicar a ordem de palavras no português europeu. O sujeito se move para SpecTP e verbo se move para T^o. O EPP de T^o é checado pelo movimento do verbo. O EPP de Agr^o pode ser checado pelo movimento do verbo ou pelo movimento do sujeito, como ilustram as representações em (32):

32. a. [_{AgrSP} DP Agr [~~EPP~~] [_{TP} t_{DP} V-T [_{VP}....
 b. [_{AgrSP} V-Agr [~~EPP~~] [_{TP} DP t_V [_{VP}....

Em (32a), o EPP de Agr^o foi checado pelo movimento do DP sujeito para SpecAgrP e, em (32b), o EPP de Agr^o foi checado pelo movimento do complexo V+T para Agr^o. A partir do princípio de atração de Pesetsky e Torrego (2000), as duas derivações são economicamente idênticas, já que tanto V+T como o DP contam como mais próximos de Agr^o. A análise proposta em (32) faz a predição de que, se (32a) acontece, há uma relação de predicação e a oração recebe um juízo categórico:

Essa teoria assume, ao contrário de qualquer lógica tradicional ou moderna, que há dois tipos diferentes de julgamentos, o categorial e o tético. Desses dois, apenas o primeiro se sujeita ao paradigma SP, enquanto o último representa simplesmente o reconhecimento ou rejeição do material de um julgamento. Além disso, o julgamento categórico é assumido como consistindo de dois atos separados: o ato de reconhecimento do que deve ser expresso pelo sujeito e o ato de afirmar ou negar o que é expresso pelo predicado sobre o sujeito.

(Kuroda *apud* Britto 1998: 11. Tradução nossa.)

Se (32b) acontece, não há relação de predicação e a oração recebe juízo tético, e o sujeito não pode ser interpretado nem como tópico nem como foco. Costa e Duarte (2002) propõem que a ordem VSO pode ter duas análises diferentes, uma decorrente do movimento do sujeito para SpecTP, com sujeito neutro; outra com o sujeito dentro do VP, onde recebe leitura focal. Para descartar a ambiguidade, fazem testes com advérbios que marcam a borda do VP e mostram que, quando o sujeito é focalizado, a ordem V-Adv-S é a encontrada. Quando o sujeito não é foco, a ordem encontrada é a V-S-Adv.

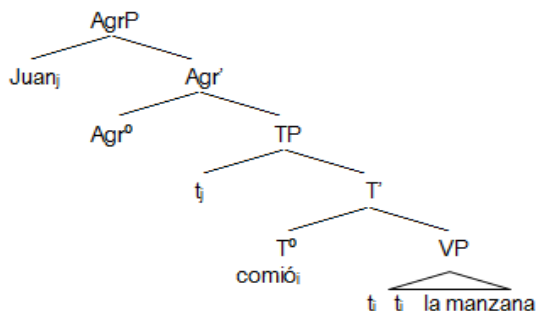
Uma evidência apresentada por Costa e Duarte (2002) para o fato de que o sujeito e o verbo não estão na mesma projeção na ordem S-V é a posição de advérbios de tempo, que podem se localizar entre o sujeito e o verbo:

33. a. O PM ontem morreu.
 b. Morreu ontem o PM.

Em (33a) o sujeito está em SpecAgrP, o advérbio está adjungido a TP e o verbo se localiza em T^o. Por outro lado, em (33b), o sujeito se localiza em SpecTP, o advérbio está adjungido a TP e o verbo se move para Agr^o.

Dada a similaridade dos fatos entre o português europeu e o espanhol europeu, conforme discuti nas seções anteriores com base em questões empíricas, acredito que a análise proposta por Costa e Duarte (2002) para a ordem S-V do português europeu pode ser mantida para o espanhol. Ambos, verbo e sujeito, se movem para TP e, no caso da ordem SVO, o sujeito se move para SpecAgrP:

34.



O espanhol, assim como o português europeu, exibe a ordem S-Adv-V:

35. Juan siempre viene.

O que corrobora a ideia de que verbo e sujeito não estão na mesma projeção também no espanhol.

Por fim, há que falar alguma coisa sobre a ordem S-V com sujeito focalizado. Sabe-se que a única possibilidade para sujeito pré-verbal focalizado, em espanhol, é quando o sujeito representa um foco contrastivo:

36. A: ¿Quién ha llegado?

B: #Pedro ha llegado.

B': Ha llegado Pedro.

37. A: ¿Ha llegado Juan?

B: No... PEDRO ha llegado.

B': No... ha llegado PEDRO.

Em (36), a ordem S-V, da resposta B, é inadequada porque há uma *pergunta-WH* e o constituinte que fixa o valor da variável deixada em aberto pelo pronome interrogativo deve estar localizado na posição mais encaixada para ser alinhado com o *acento nuclear neutro* ou deve estar identificado estruturalmente na periferia do VP. Por outro lado, em (37), a ordem S-V, com *acento nuclear contrastivo* no sujeito, é adequada já que representa um contraste. A questão que deve ser respondida é se o sujeito se moveu do IP ou se localiza em IP já que pode receber o *acento nuclear* nesta posição. Não tenho uma posição conclusiva; oferecerei, entretanto, duas possíveis análises.

Belletti (2005) comenta que, embora o sujeito possa ser focalizado em posição pré-verbal em algumas línguas, não se move necessariamente para CP. Só é adequado analisar o sujeito

como se movendo para CP nos casos em que outros constituintes também são movidos para CP¹⁹. Veja-se o esquema abaixo que representa o comentário de Belletti (2005):

38.

Pergunta:	<i>Quem comeu a maçã?</i>	<i>O que João comeu?</i>
Resposta:	Língua A: SVO	Língua A: SVO
	Língua B: SVO	Língua B: O-S-V / O-V-S

Se uma língua, como a língua A, usa a ordem SVO para foco informativo no sujeito e usa a ordem SVO também para focalizar o objeto, nesta língua, o sujeito focalizado não se move para CP. Por outro lado, se uma língua, como a língua B, usa a ordem SVO para focalizar o sujeito e usa a ordem com objeto em primeira posição para focalizar o objeto, nesta língua o sujeito se move para uma posição mais alta. No caso do espanhol, três opções são possíveis para contrastar o objeto:

39. A: ¿Has comido la manzana?

B: No, he comido LA PERA.

B': No, LA PERA he comido (yo).

B'': No, LA PERA fue lo que he comido (yo)

Em (39B), o contraste é realizado através da ordem VO e, em (39B') e (39B''), o contraste é realizado pela ordem OV. Isso sugere que, no caso do sujeito, as mesmas possibilidades estejam disponíveis; ou seja, o sujeito pode ser focalizado através do acento, dentro do IP, ou pode ser movido para SpecCP. Que o sujeito pré-verbal pode ser focalizado contrastivamente (aliás, a focalização pré-verbal é exclusivamente contrastiva em espanhol não caribenho atual) em CP fica evidenciado pelo uso de partículas focalizadoras:

40. a. YO sí voy al cine.

b. EL FOTÓGRAFO que es Bueno.

Uma questão mais complicada, no entanto, é se o verbo se moveu para C° ou se permaneceu em IP neste tipo de construções. Como indicado por Lois (1989), Suñer (1994) e Pinto (2011), o verbo não se move para CP em nenhum contexto no espanhol atual, diferente do que acontece com os auxiliares e modais do inglês, que são movidos para CP residualmente em orações interrogativas, como indicado por Rizzi (1991).

¹⁹ Lembrar que a noção de CP usado aqui é o CP cindido de Rizzi (1997) e trabalhos posteriores dentro do modelo cartográfico. Neste caso, os elementos focalizados se moveriam para uma projeção de FocP. Por simplificação, utilizo a etiqueta CP quando não for necessário discriminar as várias projeções do CP.

6. A CARTOGRAFIA DAS ESTRUTURAS SINTÁTICAS, ESTRUTURA INFORMATIVA E A POSIÇÃO DO SUJEITO

Considerando os aspectos teóricos da sintaxe, à primeira vista, parece haver uma contradição entre cartografia e minimalismo tendo em vista que, na visão cartográfica, há mais projeções sintáticas que aquelas projeções básicas (C-T-v-V) para a derivação. Cinque e Rizzi (2008) comentam que o projeto cartográfico não deve ser entendido como um modelo teórico. Neste sentido, a visão mais estrita do minimalismo não é incompatível com a visão cartográfica, porque a primeira está interessada em entender como a derivação sintática procede de maneira mais econômica (nos modelos atuais, com base em apenas duas operações, *merge interno* e *merge externo*), enquanto a segunda está interessada na arquitetura da faculdade da linguagem, em saber precisamente a hierarquia e organização dos constituintes. Neste sentido, parece não haver nenhuma correlação entre operações mínimas e poucas projeções; ou seja, o fato de haver apenas duas operações que atuam na derivação sintática não implica que somente haja quatro projeções na arquitetura da faculdade da linguagem. De todas as formas, a ordem de constituintes das línguas humanas não consegue ser explicada com apenas quatro projeções: ou se assume que há mais projeções ou se assume a existência de múltiplos especificadores. A proposta minimalista de que o CP tem apenas uma projeção me parece empiricamente problemática. Embora possa ser assumido que foco e tópico (pelo menos em muitas línguas indo-européias que não apresentam marcadores individuais para cada uma dessas funções) são identificados a partir de módulos de interface e não pelas projeções estruturais que ocupam, há evidências independentes para postular mais de uma projeção em CP, tais como: construções com dois “que”; a comparação da focalização em algumas línguas africanas, nas quais nenhum constituinte pode intervir entre foco e partícula, com línguas indo-européias, nas quais a intervenção é possível. Por fim, parece que a proposta de múltiplos especificadores perde força quando se observam dados em que entram em jogo advérbios que marcam a borda do VP. Se o objeto do verbo se movesse para uma posição de especificador dentro do VP a fim de checar seus traços, como se discute em Chomsky (1995) para eliminação das projeções de AgrS, AgrO etc., a ordem Adv-O-S seria gramatical, o que não acontece com dados do espanhol, como se discutirá no Capítulo 3. Para uma argumentação mais detalhada e consistente a favor da cartografia ver Roberts e Roussou (2003), Rizzi (1997, 2004) e Cinque e Rizzi (2008).

Embora o projeto da cartografia das estruturas sintáticas tenha tomado vigor oficialmente com Rizzi (1997), desde o começo dos anos 1990, já havia indícios de que as projeções VP, IP e CP do modelo de Regência e Ligação apresentavam mais camadas, representando “campos” e não projeções únicas. A primeira discussão nesse sentido remete ao estudo das línguas V2 simétricas, nas quais desde os anos 1980 já se falava em recomplementização do CP (*cf.* Haider e Prinzorn 1986). Larson (1988) propõe que o VP tenha uma dupla projeção ao analisar as construções de duplo objeto no inglês. Pollock (1989), analisando o posicionamento do verbo em relação aos advérbios, mostra que a projeção IP deve ser dividida em outras projeções AGR e TP²⁰. Esses trabalhos anteriores, por exemplo, Rizzi (1990), levaram a fazer um estudo fino da periferia esquerda das línguas naturais Rizzi (1997), indicando que o CP estaria formando por

²⁰ Pollock (1989) compara os dados do inglês com o francês e mostra duas coisas interessantes: a) o verbo se localiza mais alto no francês (em IP) que no inglês (em VP); b) No francês, há um contraste entre verbos finitos e não finitos: ambos os verbos saem do VP, porém os verbos não finitos estão localizados numa posição mais baixa que os verbos finitos, o argumento que leva Pollock (1989) a dividir efetivamente o IP em mais projeções.

um conjunto de outras projeções com estatuto informativo diferenciado. Observando orações como as ilustradas em (41)

41. a. Your book, you should give t to Paul (not to Bill)

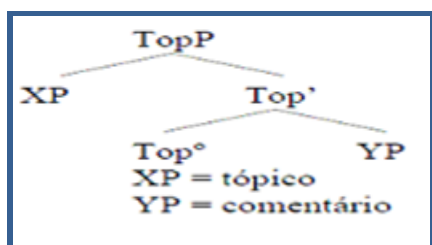
O seu livro, você pode dar t para Paul (não para Bill)

b. YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)

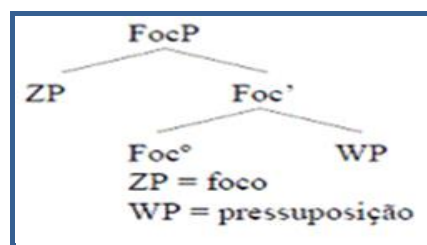
O SEU LIVRO você pode dar t para Paulo (não o meu)

(Rizzi 1997: 285)

Rizzi (1997) comenta que, embora as orações em (40) sejam superficialmente similares, apresentam diferenças interpretativas. (41a) representa o sistema tópico-comentário, no qual o elemento à esquerda da oração é o tema da conversa e a oração remanescente no IP é o comentário que se faz sobre esse tema. Por outro lado, (41b) representa o sistema foco-pessuposição, no qual a oração em IP indica a pressuposição e o elemento deslocado à esquerda é a informação nova que completa o valor da pressuposição. Ambos os sistemas terão a representação de um esquema X-Barra como ilustrado em (42) e (43):



42. Esquema X-Barra ((Rizzi 1997: 286)



43. Esquema X-Barra (Rizzi 1997: 287)

Rizzi (1997) comenta que, em forma lógica, (42) e (43) devem ser a configuração de checagem de traços mesmo que os elementos estejam *in-situ* na sintaxe visível, como ilustra o exemplo (44):

44. Ho letto IL TUO LIBRO (non il suo)

Eu li O TEU LIVRO (não o dele)

(Rizzi 1997: 287)

Esse movimento para checagem de traços em forma lógica se deve à obediência a critérios semelhantes ao Critério-WH proposto por Rizzi (1991)²¹ como definido em (45):

45. Critério WH (Rizzi 1997: 2)

A. A WH-operator must be in a Spec-head configuration with X°[+WH]

B. An X°[+WH] must be in a Spec-head configuration with a WH-operator.²²

²¹ Rizzi (1991) foi republicado posteriormente em Rizzi (1996).

²² A. Um operador WH deve estar numa configuração Spec-Head com um X°[+WH].

B. Um X°[+WH] deve estar numa configuração Spec-Head com um operador WH.

As estruturas em (42) e (34) ilustram a obediência a um critério semelhante, em que um XP frontado se encontra em uma relação Spec-Head com um núcleo que porta os respectivos traços de tópico ou foco.

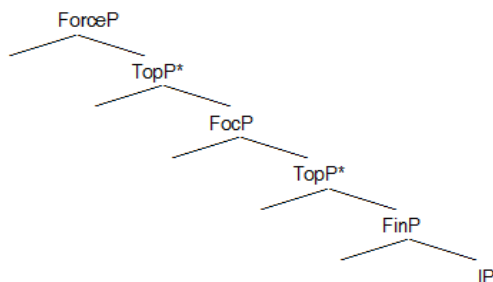
Com relação aos possíveis ordenamentos entre tópico e foco, Rizzi (1997: 295-296) apresenta as seguintes possibilidades:

46. a. Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire.
- b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire.
- c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO, gli dovremmo dire.
- d. Credo che a Gianni, domani, QUESTO, gli dovremmo dire.
- e. Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire.
- f. Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire.

Creio que a Gianni, ISTO, amanhã nós deveremos dizer (e variações dessa ordem)

Os exemplos acima mostram que são possíveis os seguintes ordenamentos: (46a) e (46b) Top-Foc-Top; (46c) e (46d) Top-Top-Foc; (46e) e (46f) Foc-Top-Top. Os exemplos mostram, também, que a ordenação dos tópicos não interfere na gramaticalidade das orações, o que evidencia que tópico é recursivo. Desta forma, a periferia esquerda da oração proposta por Rizzi (1997: 297) é a estrutura representada em (47) a seguir²³.

47.



Sintetizando a discussão de Rizzi (1997), o CP deve ser entendido como o nível de interface entre a oração e uma estrutura superior (que pode ser entendida como uma oração matriz que seleciona uma subordinada ou como a articulação do discurso). Desta maneira, o CP deve conter dois sistemas que providenciarão informações importantes para a interpretação sintática e semântica das orações: o Sistema Força-Finitude (*Force-Finiteness System*) e o Sistema Tópico-Foco (*Topic-Focus System*). O Sistema Força-Finitude providenciará informações de se a oração é declarativa, interrogativa, exclamativa, adverbial, comparativa, relativa etc. e se o verbo da oração é um verbo finito ou infinito. Por outro lado, o Sistema Tópico-Foco irá conter outras informações discursivas e informativas independentemente das restrições de seleção contidas nas orações, como os pares tópico-comentário e foco-suposição. Como

²³ Embora a estrutura proposta por Rizzi (1997) assuma a recursividade dos tópicos, os trabalhos seguintes, tanto do próprio autor como de outros colaboradores, indicam que as posições de tópico não são recursivas, mas específicas. Ou seja, cada tipo de tópico ocupa uma devida posição na estrutura.

tópico e foco são *posições A-Barra*, os elementos que se movem para essas posições devem ser saturados casual e tematicamente dentro da oração, ou seja, dentro do IP.

Benincà e Polletto (2004: 71) rediscutem a periferia esquerda a partir de dados de dialetos italianos e propõem uma reinterpretação das várias projeções do CP da seguinte maneira:

48. ForceP FrameP TopicP FocusP FinP IP

Benincà (2006: 58), também discutindo dialetos do italiano, refina ainda mais a proposta da periferia esquerda e propõe o seguinte ordenamento para as projeções FrameP, TopicP e FocusP:

49. {Frame . . . [HT] . . . } {Topic . . . [LD] . . . } {Focus . . . [EmphFocus] . . . [UnmFocus]}

Frame é a posição dos tópicos pendentes (HT – *hanging topic*); em Topic, se localizam as construções de deslocamento à esquerda clítico (LD – *left dislocation*); em Focus se localizam os focos, sendo que o foco contrastivo (*EmphFocus*) se localiza mais alto que o foco não-contrastivo (*UnmFocus*).

Benincà (2006: 61) discute advérbios marcadores de cena e também mostra que a recursividade dos tópicos é apenas aparente. A autora propõe uma hierarquização mais rígida acontece na oração, chegando ao seguinte mapeamento do CP (colchetes indicam projeções simples e chaves indicam campos):

50. [Force C°][Relwh C°]/{Frame[ScSett][HT] C°}{TOPIC[LD] [LI] C°}{Focus[I Focus]
[II Focus]/[Interrwh] C°}[Fin C°]

O que é importante para a análise que proponho neste artigo é que, em qualquer que seja a proposta (a inicial de Rizzi, 1997; e os desenvolvimentos posteriores), ForceP é o núcleo mais alto e FinP é o núcleo mais baixo e, entre esses dois núcleos, há diversas projeções que podem ser usadas com valores informativos diferentes. Como não estou interessado particularmente no ordenamento dos elementos marcados discursivamente que aparecem no CP, a fim de simplificação, me basearei na proposta inicial de Rizzi (1997).

A discussão apresentada nesta seção leva à conclusão de que o sujeito poderá ocupar tantas posições funcionais quais forem suas funções informativas. Considerando a discussão de Hernanz e Brucart (1987) sobre a ordem básica de palavras, em que os autores argumentam que não há equivalência entre estrutura informativa e estrutura sintática, fica claro que o sujeito, que é uma função sintática, pode desempenhar uma série de funções informativas a depender dos contextos discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexiadou, Artemis e Elena Anagnostopoulou. 1998. Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking, em *Natural Language & Linguistic Theory*, 16, 3: 491-539.
- Alexiadou, Artemis e Elena Anagnostopoulou. 1995. SVO and EPP in Null Subject Languages and Germanic. em *FAS Papers in Linguistics*, 4: 1-21.
- Barbosa, Pilar. 2006. Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001), em *D.E.L.T.A.*, 22, 2: 345-402.

- Belletti, Adriana. 2005. Answering with a “cleft”: the role of the null subject parameter and the VP periphery, em Laura Brugè *et al* (orgs.), *Proceedings of the Thirtieth “Incontro di Grammatica Generativa”*: 63-82.
- Benincà, Paola. 2006. A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance, em Rafaella Zanuttini *et al* (orgs.), *Negation, Tense and Clausal Architecture: Cross-linguistics Investigations*, Washington, Georgetown University Press: 53-86.
- Benincà, Paola. e Cecília Poletto. 2004. Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers, em L. Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, Oxford, Oxford University Press: 52-75.
- Bosque, Ignacio. 1992. La Negación y el Principio de las Categorías Vacías, em V. Demonte (org.), *Gramática del español*, Cidade do México, El Colegio de México: 167-199.
- Britto, Hellena. 1998. *Deslocamento à esquerda, resumptivo-sujeito, ordem SV e codificação sintática dos juízos categórico e tético no português do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Campos, Hector. 1992. Silent objects and subjects in Spanish, em Hector Campos e Fernando Martinez-Gil (orgs.), *Current studies in spanish linguistics*, Washington. Georgetown University Press: 117-141.
- Chomsky, Noan. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge/Mass., The MIT Press.
- Chomsky, Noan. 1981. *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris.
- Cinque, Guglielmo. 1990. *Types of \bar{A} -Dependencies*, Cambridge/Mass., The MIT Press.
- Cinque, Guglielmo e Luigi Rizzi. 2008. The Cartography of Syntactic Structures, *CISCL Working Papers*, 2: 42-58.
- Costa, João. 2001. Spec, IP ou Deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais, em *D.E.L.T.A.*, 17, 2: 283-303.
- Costa, João e Inês Duarte. 2002. Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 1, 2: 159-175.
- Diesing, Molly. 1990. Verb Movement and the Subject Position in Yiddish, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 8: 41-79.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1995. *A perda do princípio evite pronome*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Haegeman, Liliane e Rafaela Zanuttini. 1991. Negative Heads and the NEG Criterion, em *The Linguistic Review*, 8: 233-251.
- Haider, Hubert e Martin Prinzhorn., 1986. *Verb second Phenomena in Germanic languages*, Dordrecht, Foris.
- Hernanz, Maria Luisa. e José M. Brucart. 1987. *La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple*, Barcelona, Crítica.
- Kato, Mary Aizawa. 2008. Dislocated and in-situ wh-questions in Brazilian Portuguese no *Workshop “On Interfaces”*, organizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 25 de maio de 2008.
- Koopman, Hilda e Dominique Sportiche. 1991. The Position of Subjects, em *Língua*, 85: 211-258.
- Laka, Itziar. 1990. *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts. Inédita.
- Larson, Richard. 1988. On the double object construction, em *Linguistic Inquiry*, 19: 335- 391.
- Lois, Ximena. 1989. *Aspects de la syntaxe de l’espagnol et theorie de la grammaire*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, Paris. Inédita.
- Luján, Marta. 1999. Expresión y omisión del pronombre personal, em Ignacio Bosque e Violeta Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la lengua española*, v. 1. Madrid, Espasa-Calpe: 1276-1315.
- Olarrea, Antxon. 1997. *Pre-and postverbal subject positions in spanish: a minimalist account*. Tese de Doutorado, University of Washington, Washington. Inédita.
- Ordóñez, Francisco e Esthela Treviño. 1999. Left dislocated subjects and the pro-drop parameter: a case study of Spanish, em *Língua*, 107: 39-68.
- Pinto, Carlos Felipe. 2011. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2*. 2011. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Pollock, Jean Yves. 1989. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP, em *Linguistic Inquiry*, 20: 365-424.
- Rizzi, Luigi. 2004. *The structure of CP and IP*. Oxford University Press.
- Rizzi, Luigi. 1997. The fine structure of the left periphery, em L. Haegeman (org.), *Elements of grammar*. Kluwer, Dordrecht: 281-337.
- Rizzi, Luigi. 1996. Residual verb second and the Wh criterion, em A. Belletti e L. Rizzi (orgs.), *Parameters and functional heads*, Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press: 63-90.
- Rizzi, Luigi. 1991. *Residual verb second and the Wh criterion*. Universidade de Geneva (citado do manuscrito).

- Rizzi, Luigi. 1990. *Relativized Minimality*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press
- Roberts, Ian. 2019. Posfácio. Da primeira à segunda viagem, em C. Galves, M. Kato e I. Roberts (orgs.), *Português brasileiro. Uma segunda viagem diacrônica*, Campinas, Editora da Unicamp: 337-351.
- Roberts, Ian e Anna Roussou. 2003. *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Santorini, Beatrice. 1995. Two types of verb second in the history of Yiddish, em A. Battye e I. Roberts (orgs.), *Clause structure and language change*, Nova Iorque, Oxford, Oxford University Press: 53-79.
- Santorini, Beatrice. 1989. *The Generalization of the Verb-Second Constraint in the History of Yiddish*. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania, Pensilvânia. Inédita.
- Suñer, Margarita. 1994. V-movement and the licensing of argumental wh-phrases in Spanish, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 12: 335–372.
- Zagona, K. 1982. *Government and Proper Government of Verbal Projections*. Tese de Doutorado, University of Washington, Washington. Inédita.
- Zubizarreta, Maria Luiza. 1999. Las funciones informativas: tema y foco, em I. Bosque e V. Demonte (orgs.), *Gramática descriptiva de la lengua española.*, Madrid, Espasa Calpe: 4215-4244.
- Zubizarreta, Maria Luiza. 1998. *Prosody, focus, and word order*, Cambridge/Mass., The MIT Press.